

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/343055154>

ENTRE O DITO E NÃO DITO: DEBATES CONTEMPORÂNEOS SOBRE O TEMA DO SUICÍDIO DE ADOLESCENTES

Article · July 2020

CITATIONS

0

READS

76

3 authors, including:



[Luciano Bairros da Silva](#)

Centro Universitário Cesmac

15 PUBLICATIONS 32 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Formação em Saúde [View project](#)

ENTRE O DITO E NÃO DITO: DEBATES CONTEMPORÂNEOS SOBRE O TEMA DO SUICÍDIO DE ADOLESCENTES

Marcos Antônio Gonçalves de Alencar¹Alessandro Ferreira de Moraes²Luciano Bairos da Silva³

Resumo

O suicídio está entre as principais causas de morte no mundo. No Brasil, os jovens apresentam índices de suicídio mais altos, se comparados com outras faixas etárias da população, e entre adolescentes de 16 e 17 anos as taxas apresentam evolução crescente. Ao mesmo tempo, acompanha-se a ampliação do interesse pelo tema do suicídio, tanto na comunicação de mídia, nas redes sociais, como em conversas cotidianas informais. Nesse sentido, o presente artigo objetivou discutir os argumentos que sustentam as conversas sobre o tema do suicídio de adolescentes no momento presente. Trata-se de um estudo exploratório, suscitado por questões produzidas por graduandos/as em Psicologia, a respeito do tema, onde fez-se uso de matéria de jornal escrita por Eliane Brum que, para disparar a discussão sobre o porquê de mais adolescentes terem respondido ao desespero com a própria vida, produz duas linhas de argumentação: uma de que o suicídio é um fenômeno de ordem individual; e a segunda de que este mesmo fenômeno pode ser considerado uma resposta aos modos contemporâneos de povoar a vida. Neste estudo analisa-se a ressonância destes dois argumentos, com as perspectivas presentes na Psicologia Social: a psicológica e a psicossociológica. Ao final, propõe-se uma integração entre estas matrizes, dialogando com outros elementos presentes no atual cotidiano dos adolescentes, para compreensão desse fenômeno contemporâneo.

Palavras-chave: Suicídio, Autodestruição, Tentativa de Suicídio, Psicologia Social.

¹ Graduando do Curso de Psicologia do Centro Universitário CESMAC/AL. E-mail: marcosalencar@al.sebrae.com.br

² Graduando do Curso de Psicologia do Centro Universitário CESMAC/AL. E-mail: alexenin@yahoo.com.br

³ Professor do Curso de Psicologia e Professor Colaborador do Mestrado Profissional Pesquisa em Saúde do Centro Universitário CESMAC/AL. E-mail: luciano.silva@cesmac.edu.br

ENTRE DECIR Y NO DECIR: DISCUSIÓN CONTEMPORÁNEA SOBRE EL SUICIDIO ADOLESCENTE

Resumen

El suicidio es una de las principales causas de muerte en el mundo. En Brasil, los jóvenes tienen mayores tasas de suicidio en comparación con otros grupos de edad, y entre los jóvenes de 16 y 17 años, las tasas están aumentando. Asimismo, el interés en el tema del suicidio se ha ampliado, tanto en la comunicación de los medios, las redes sociales y las conversaciones informales diarias. En este sentido, este artículo objetivó discutir los argumentos que apoyan las conversaciones sobre el tema del suicidio adolescente en el momento presente. Se trata de un estudio exploratorio, planteado por preguntas producidas por estudiantes graduados en Psicología sobre el tema, en el que se utilizó un artículo periodístico escrito por Eliane Brum para desencadenar el debate sobre las razones por las que más adolescentes han respondido a la desesperación con su vida, produce dos líneas de argumento: una, que el suicidio es un fenómeno de orden individual; y el segundo que este mismo fenómeno puede considerarse una respuesta a las formas contemporáneas de poblar la vida. En este estudio analizamos la resonancia de estos dos argumentos, con las perspectivas presentes en la psicología social: la psicológica y la sociológica. Al final, se propone una integración entre estas matrices, dialogando con otros elementos presentes en la vida cotidiana actual de los adolescentes, para comprender este fenómeno contemporáneo.

Palabras clave: Suicidio, Autodestrucción, Intento de Suicidio, Psicología Social.

BETWEEN SAYING AND SAYING: CONTEMPORARY DISCUSSIONS ABOUT TEEN SUICIDE

Abstract

Suicide is among the leading causes of death in the world. In Brazil, young people have higher rates of suicide compared to other age groups, and among adolescents between 16 and 17 years of age the rates show an increasing evolution. At the same time, interest in the topic of suicide is growing, both in the media, in social networks, and in informal daily conversations. In this sense, this article aimed to discuss the arguments that sustain the conversations on the subject of adolescent suicide at the present time. It is an exploratory study, raised by questions produced by graduate students in Psychology about the subject, where a newspaper article written by Eliane Brum was used to trigger the discussion about why more adolescents have responded to despair with their own lives, producing two lines of argument: one that suicide is an individual phenomenon; and the second that this same phenomenon can be considered a response to contemporary ways of populating life. In this study we analyze the resonance of these two arguments, with the perspectives present in Social Psychology: the psychological and the psychosocial. In the end, an integration between these matrices is proposed, dialoguing with other elements present in the current daily life of adolescents, to understand this contemporary phenomenon.

Key words: Suicide, Self-destruction, Attempted Suicide, Social Psychology.

Introdução

O suicídio está entre as principais causas de morte no mundo. Estima-se que 800 mil pessoas cometem suicídio a cada ano, sendo esse considerado um grave problema global de saúde pública (WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO), 2019). O tema do suicídio recebeu maior destaque no Brasil a partir da campanha Setembro Amarelo que, associado ao Dia da Prevenção do Suicídio, dia 10 desse mesmo mês, promove o uso da cor amarela para estampar produtos que as pessoas possam portar (camisetas, botos, cartazes etc.) e para iluminar prédios e locais de circulação públicos e privados, significando essa cor ao trabalho de conscientização sobre a prevenção do suicídio. A campanha Setembro Amarelo foi criada em 2015 pelo Centro de Valorização da Vida (CVV), Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) e Conselho Federal de Medicina (CFM), mas atualmente é amplamente promovido, tanto por instituições públicas, como pela iniciativa privada e organizações sociais (CVV, 2019; ABP, CFM, 2019).

No Brasil foram registrados 13.467 suicídios no ano de 2016. Desses, 10.203 eram homens e 3.263 mulheres. E na população brasileira de jovens de 15 a 29 anos observa-se o aumento da taxa de suicídios por 1.000 habitantes de 2,5 no ano 2000; para 3,0 em 2010; e 3,2 em 2015 e 2016 (WHO, 2018). Quando se observa a série histórica 1980-2012 de causas de morte no Brasil, identifica-se o aumento da taxa de suicídio por 100 mil habitantes de 3,3 no ano 1980, para 5,3 em 2012. Isso significa crescimento de 62,5%, caracterizado pelo crescimento negativo nos primeiros 10 anos (2,7%), seguido de

baixo crescimento na década seguinte (18,8%) e acelerado incremento de 33,3% de 2000 até 2012. Porém os homicídios e acidentes de transporte produzem ainda mais vítimas, se comparados aos suicídios. Atualmente, as causas externas são consideradas o principal motivo da mortalidade juvenil no Brasil, sendo o suicídio a causa de 3,7% das mortes na população entre 15 e 29 anos, contra 0,7% para as demais faixas etárias – menores de 15 e maiores de 30 anos (WAISELFISZ, 2014).

Quando analisada uma amostra com a população de 16 e 17 anos, identifica-se a evolução da taxa por 100 mil habitantes de 2,8 no ano 1980 para 4,1 em 2013, um crescimento de 45,5% (WAISELFISZ, 2015). Considerando os dados de 2015 a 2020, disponíveis no Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), observa-se que “a mortalidade de adolescentes por suicídio no Brasil apresentou tendência de crescimento nos últimos anos, especialmente entre a população masculina das regiões norte e nordeste no Brasil.” (CICOGNA, HILLESHEIM, HALLAL, 2019, p.7). O suicídio na fase da adolescência é considerado “um fenômeno complexo e multideterminado, no qual fatores de ordem biológica, psicológica, sociodemográfica e cultural interagem entre si.” (BRAGA, DELL'AGLIO, 2013, p.12).

A adolescência é uma fase de construção social, na qual o sujeito se desenvolve para ocupar seu espaço na sociedade, que contribui para que este/a possa aprender a ser independente e socialmente produtivo/a. Segundo Airès (1986), as primeiras tentativas de descrever a adolescência são do início do Século XV, apesar dessa fase ser considerada como

fundamental ao desenvolvimento humano somente na década de 1890. Porém, será somente no Século XX que a Psicologia demonstrará interesse pelo tema da adolescência.

Campos (1987) afirma que a adolescência se inicia em torno dos 12 anos, e é marcada pelas transformações corporais: crescimento de pelos, primeira menstruação das meninas, aumento de testosterona nos meninos, crescimento corporal, entre outras mudanças. Segundo Outeiral (2008) nessa fase, uma vez que deixa a condição de ser criança, o sujeito encaminha-se para uma vida onde é imperativo que faça muitas escolhas, por vezes sem o apoio dos pais. Assim, o/a adolescente experimenta a resolução de suas dúvidas, conflitos e compreende o meio que está inserido/a, constituindo sua personalidade e, conseqüentemente, tornando-se um/a adulto/a. No entanto, para Vygosty (1978), na adolescência o indivíduo vivencia perturbações em seu estado psíquico, por não poder expressar-se com choro, raiva, tristeza, medo, dentre outras, uma vez que a sociedade exige dele o crescimento emocional. Isso acaba criando dúvidas sobre seu contexto de vida, no qual os pais necessitam auxiliá-lo/a para seguir seu desenvolvimento – o que denomina Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), caracterizada pelo auxílio de um mediador para que aquele/a consiga passar por alguma dificuldade.

A literatura distingue o comportamento suicida “em três categorias: ideação suicida (pensamentos, ideias, planejamento e desejo de se matar), tentativa de suicídio e suicídio consumado.” (BRAGA, DELL'AGLIO, 2013, p.4). Ainda que adolescência seja um dos ciclos do desenvolvimento com intensas transformações, desafios, que podem

significar maiores fatores de risco e vulnerabilidade para o suicídio, “isto não significa que todo o jovem que vivenciar estas mudanças e situações irão pensar ou tentar cometer suicídio.” (MAGNANI, STAUDT, 2018, p.81). No entanto, frente ao aumento crescente de suicídios de jovens no Brasil e no mundo, e ampliação da presença do tema nas redes de comunicação de mídia e redes sociais, surgem questionamentos sobre quais motivos tem um/a jovem para se matar? Poderia ele/a estar em sofrimento mental? Esses passam a ser interrogações um tanto comuns em ambientes escolares, acadêmicos e até mesmo em encontros familiares. Para um aprofundamento do tema também é possível colocar outras questões, como: que perguntas ficaram sem respostas para aqueles/as que experenciam a perda de alguém próximo que tenha cometido suicídio? Qual a importância dos registros, falados ou escritos, feitos por um sujeito antes dele/a cometer o suicídio? Existe algo que não é dito pelo sujeito que comete o suicídio? Será que ele/a buscou outras formas de expressar o que sentia?

Nesse sentido, o presente trabalho objetivou discutir os argumentos que sustentam as conversas sobre o tema do suicídio de adolescentes no momento presente.

Método

Trata-se de um estudo exploratório, suscitado a partir de questões produzidas por estudantes, a respeito do tema do suicídio de adolescentes, em um ambiente universitário: na disciplina de Psicologia Social do curso de Psicologia do Centro Universitário Cesmac, em Maceió, Alagoas. A época o curso caracterizava-se

por ter, em seu corpo docente, alguns professores que mobilizavam discussões a respeito deste tema a partir de eventos e encontros; muitos discentes e egressos realizavam trabalho voluntário em Organizações Não-Governamentais (ONG) que atuam no campo da prevenção ao suicídio; assim como muitos alunos já compartilhavam a experiência de vivenciar a perda de uma pessoa próxima por suicídio ou conhecerem alguém que o tenha realizado. Nesse sentido, o assunto do suicídio já estava materializado no cotidiano dos alunos de terceiro período do curso de Psicologia, que levantaram a necessidade de incluir o mesmo no programa da disciplina de Psicologia Social, durante o segundo semestre de 2018, o que não estava contemplado *a priori*.

A partir desta demanda fez-se um planejamento de maneira conjunta entre o professor e os/as alunos/as, que definiram realizar naquele mesmo semestre: a) a inclusão de uma atividade que envolvesse o tema do suicídio no programa da disciplina; b) tal atividade teria uma pontuação individual que comporia a nota do processo avaliativo de cada do aluno/a; c) eles/as deveriam fazer uma leitura dirigida que seria disparadora da atividade – texto de Eliane Brum (2018); d) a partir da leitura escreveriam uma resenha crítica com objetivo de favorecer-los/as: a estruturação de uma problematização do tema, a produção de relações entre os argumentos do texto disparador com os conteúdos didáticos trabalhados na disciplina e a exposição das reflexões promovidas neste processo; e) agendou-se um seminário em sala de aula, a ocorrer 15 dias após ter-se definido a atividade, onde todos/as compartilhariam seus escritos, as

questões suscitadas e os efeitos produzidos com o trabalho.

O artigo aqui confeccionado é produto iniciado na escrita da resenha crítica apresentada para esta atividade. Manteve-se como suporte para o trabalho o texto de Brum (2018), no qual busca entender o porquê de mais adolescentes terem respondido ao desespero com a própria vida. Para análise foi utilizada a base teórica de Garrido e Álvaro (2007) que definem a construção histórica e estado atual da Psicologia Social em dois movimentos contínuos e (quase) paralelos: uma matriz psicológica, de perspectiva individual e a matriz psicossociológica, de caráter social. Realizou-se também, em novembro de 2019, levantamento bibliográfico na base de dados Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC), com os assuntos: Suicídio and Adolescência or Adolescências or Adolescente or Adolescentes, para o período 2019 a 2010. Foram identificados 10 artigos, os quais foram utilizados na discussão do trabalho.

Este estudo caracteriza-se por analisar somente documentos de domínio público, ou seja, não fez uso algum de procedimentos que envolvam seres humanos para coleta ou produção direta de dados.

Argumentos

Em matéria publicada em coluna do jornal El País, em junho de 2018, com o título “O suicídio dos que não viram adultos nesse mundo corroído”, a escritora, repórter e documentarista Eliane Brum faz uma reflexão sobre o suicídio entre os adolescentes, destacando elementos que, no seu entender, influenciam a drástica decisão de pôr fim a vida por parte desta população (BRUM, 2018). Buscando

responder a pergunta “Por que, neste século, mais adolescentes têm respondido ao desespero com a própria vida?”, a autora produz duas linhas de argumento: uma de que o suicídio é um fenômeno de ordem individual; e a segunda de que este mesmo fenômeno apresenta características psicossociais, que podem nos conduzir a considerá-lo uma resposta aos modos contemporâneos de povoar a vida. Neste trabalho, buscamos apresentar estes dois argumentos, fazendo ressonância com as duas perspectivas presentes na Psicologia Social: a psicológica e a psicossociológica (GARRIDO, ÁLVARO, 2007). Ao final, propõe-se uma discussão que integre estas matrizes, dialogando com outros elementos presentes no atual cotidiano dos adolescentes.

Fenômeno de ordem individual

A adolescência pode ser considerada uma fase de profundas transformações corpóreas e emocionais, significa a tempestade das mudanças que tira o eixo daquele que olha para o mundo e vê um presente sem futuro, um hoje sem amanhã. Nisso, ao sentir-se incapaz de achar seu lugar, em um processo de rápidas mudanças, alguns/as adolescentes se percebem desamparados quando estão diante da obrigação de se inserir em um mundo que lhes parece hostil e confuso. Além disso, compreendem que a situação de proteção, que até então existia, irá progressivamente desaparecer, gerando a sensação de que não vale a pena ser adulto, que a vida não lhes dá substrato para justificar a decisão de continuar existindo (BRUM, 2018). Soma-se também a ausência dos pais ou responsáveis que estão cada vez mais ocupados e que justificam isso pela necessidade de

adaptar-se a jornadas de trabalho longas, por vezes em locais distantes da residência, até mesmo à influência de conteúdos disponíveis nas redes sociais. É comum, “pelo período da adolescência ser vivenciado de maneira intensa por parte do adolescente, este pode não compreender algumas medidas e condutas adotadas por seus pais, o que pode ser minimizado com uma maior abertura ao diálogo.” (MAGNANI, STAUDT, 2018, p.81)

Nesse diapasão, o argumento de Eliane Brum (2018), de que a vontade de dar término à própria existência seria algo “inerente” aos nossos tempos, indica a dramaticidade do caminho no qual nos metemos, uma sentença apropriada aos (des)caminhos afetivos atuais, onde a busca por sentido para a vida se converte em vazio e desespero, sobretudo entre os/as adolescentes que nesta fase de transição de suas vidas se veem lançados a um mundo no qual têm dificuldade de adaptação, compreensão e convivência. O suicídio, nesse caso, se converte numa espécie de crônica de nossa época, escrita na particularidade de cada vida tirada, de cada história com fim prematuro, pelo rito que a autora designa de violência autoinfligida.

Freud fez apenas algumas observações sobre o suicídio. Em sua concepção, os impulsos autodestrutivos revelam o sentimento de culpabilidade e a necessidade de autopunição decorrente do ódio inconsciente dirigido a pessoas queridas e do desejo, também inconsciente, de que elas morram. Introduz os conceitos de narcisismo, identificação primária e ideal do ego, ampliando seus recursos teóricos e identificando a melancolia com a autodestruição (BRUNHARI, DARRIBA, 2014). Nesta perspectiva podemos interpretar uma prática comum entre

adolescentes, o chamado *cutting*, caracterizado pela atitude de autoinfligir sobre a pele um objeto cortante que produza marcas. O ato de cortar-se repercute a dificuldade do sujeito em simbolizar um sofrimento, uma dor ou uma perda. Há o entendimento que os adolescentes que recorrem a essas práticas estão “fora do campo do recalçamento: aqui, a clivagem domina e debruçamo-nos na tentativa de deciframento de vivências que tiveram extraviadas seu sentido. O não sentido pulsa aqui, com seu poder disruptivo, carecendo de simbolismo.” (CESAR, 2019, p. 14).

Nesse contexto, as tecnologias digitais trataram de criar um ambiente onde as aparências e as máscaras muitas vezes acham o seu lugar. Mas também onde a nudez de nossas posições e opiniões pessoais se apresentam sem o menor rubor, rompendo a fronteira entre a ilusão de nossa civilidade e aquilo que realmente carregamos em nosso íntimo, tal fato cria uma situação onde a exposição excessiva de opiniões, fotos e vídeos produz consequências que ainda serão mensuradas em um futuro próximo. Além disso, muitas vezes, as respostas a essa exposição assumem conotação negativa ferindo a autoestima de quem a realiza e contribui para o aprofundamento do sofrimento, sobretudo nos/as adolescentes, o que Brum (2018) nomeia com o curioso epíteto de ferida narcísica.

Na intangibilidade das tecnologias digitais, comunidades nascem, jogos pululam a cada segundo e cresce o número de crianças e jovens que se inscrevem como usuários/as, deixando muitos pais e responsáveis atordoados. O fenômeno mundial do jogo Baleia Azul – espécie que, às vezes, são encontradas mortas encalhas à beira mar, episódios tomados

como metáfora ao suicídio – foi só o gatilho, a brincadeira que atrai a participar de aventuras inacreditáveis, onde o jogador é desafiado a realizar tarefas que incluem automutilação e, como último repto, realizar suicídio. (LEVIZON, 2018). Mas até que ponto os jovens adolescentes querem realmente aniquilar suas vidas? Eles têm noção exata do que estão fazendo ou são levados pelo impulso, pela descoberta, pelo desejo do novo? Salvo situações de intenso sofrimento mental e efeitos de substâncias psicoativas, até que ponto suas consciências estavam suficientes amadurecidas para a tomada de decisão: o querer se matar?

As campanhas de conscientização sobre prevenção de suicídios assumem uma perspectiva bastante individualizante nos seus *slogans*, que anunciam: “Falar é a melhor solução” (CVV, 2019), “Combater o estigma é salvar vidas” (ABP, CFM, 2019) e “Suicídio: informando para prevenir” (ABP, 2014). Do mesmo modo, definem o suicídio “como um ato deliberativo executado pelo próprio indivíduo, cuja intenção seja a morte, de forma consciente e intencional, mesmo que ambivalente, usando um meio que ele acredite ser letal.” (ABP, CFM, 2019, p.9)

Mas apesar da afirmação do conceito indicar ser o suicídio uma atitude autonormativa do sujeito, mantém-se a dúvida quando a sua capacidade deliberativa. Pois essa contradição apresenta-se, nesse mesmo documento, quanto afirma que o suicida é uma pessoa doente ou transtornada e, por esse motivo, estes podem ser tomado como vítima de sua própria situação:

A maior parte dos suicidas tinha uma doença mental que não fora tratada. As principais doenças associadas ao comportamento suicida são:

depressão; transtorno bipolar; transtornos relacionados ao uso de álcool e outras substâncias; transtornos de personalidade; e esquizofrenia (ABP, 2014, p.32)

O suicídio guarda em si uma questão realçada por Brum (2018), a relação existente entre o individual e o coletivo. Porém, tem-se limitado a análise sobre o ato suicida a partir e sobre o indivíduo, o qual seria o/a responsável (ainda que tomado/a como vítima) por esse evento. Dessa maneira não ocorrem interpelações sobre a realidade a qual ele/a está inserido/a e à sociedade na qual está imerso/a.

Fenômeno de ordem social

Para Brum (2018), “quando adolescentes se matam, eles dizem algo sobre si mesmos, mas também dizem algo sobre a época em que não viverão”. Na atualidade dos fatos, centenas de jovens estão muito mais ausentes de respostas a perguntas formuladas a um conjunto de representantes sociais com os quais interage, esperando, de alguma sorte, inconscientemente, serem surpreendidos com algo que os devolva a esperança de viver, a confiança no futuro. Para a autora, os adolescentes de hoje herdarão um mundo corroído pela mudança climática provocada por gerações anteriores, incluindo a de seus pais. Uma geração que vem vivendo a desconstrução de relações de proximidade para a construção de relacionamentos em contextos digitais, onde o que demonstra que você faz parte da “tribo” são os *likes* que suas postagens recebem a cada publicação. Mas é possível considerar que o número de curtidas contribui para que um adolescente não cometa suicídio?

Os mundos virtual e real em que vivemos são fartos de estímulos e, dependendo do uso que se faz destes, os efeitos são diferentes. Em qualquer ambiente de relacionamento que estejamos, o suicídio deixou de ser uma questão de ordem pessoal, restrita a um indivíduo ou a sua família, para ser um problema de ordem social, impactante em toda a cadeia da sociedade. Por mais que especialistas ofereçam como respostas individualizantes às motivações que levam os jovens a se matarem, tais como angústia, depressão, desespero e efeitos de psicotrópicos, há outros fatores que estão encobertos, ausentes da observação de pais, educadores e autoridades do assunto, desafiando a todos entender o que houve, para então poder implementar ações de prevenção.

Nesse sentido, para Brum (2018), o desafio que o suicídio impõe à sociedade é conseguir construir uma resposta que não seja a brutalidade de triar a própria vida. Essa tese reforça o entendimento que as respostas não estão explícitas nas mensagens deixadas, quando são deixadas. A autora, ao que parece contrapor-se a tal visão, frisa que o suicídio é uma produção social, está diretamente relacionado ao tempo e ao modo como vivemos e às consequências geradas por essa sociabilidade contemporânea. Essa perspectiva é consonante a Durkheim (1992, p.54), quando afirma que a “liberdade individual se acha sempre e em toda parte limitada pela coerção social”. Considerando o suicídio, pode-se dizer que a coerção social exercida sobre o indivíduo pela sociedade é um pilar fundamental da decisão de tirar a própria vida. Pois, tal indivíduo, ao não poder realizar seus intentos por imposição de regras e convenções sociais, entraria em um estado de sofrimento, cuja consequência seria o

suicídio, como forma de superação desse antagonismo (DURKHEIM, 2007).

Para Durkheim (2000), ao propor uma interpretação do ato suicida, extrapolava bastante a conotação de ordem individual sob a qual era estudado até então, e o expressava como um fenômeno solidamente fundado no liame social, ao qual o sujeito suicida está mergulhado. Segundo ele, o ato de tirar a própria vida é paradoxal: embora seja restrito ao indivíduo, o suicídio é universal ao longo de toda a história humana e está sob forte influência dos laços sociais aos quais o suicida se conecta ou dos quais é extraído. Para Durkheim o suicídio é a ruptura do laço social ou tentativa final desesperada de consegui-lo? O suicídio é sempre uma mensagem endereçada a outra pessoa?

O suicídio pode ser incluído como fenômeno de um tempo que, lembrando a reflexão de Bauman (2001), é líquido, sem consistência, sem solidez, que nos impele e empurra para uma vivência sem bases sólidas, sejam elas econômicas, políticas, sociais, afetivas, emocionais ou culturais.

Discussão

A adolescência é uma fase de transformações físicas, psicológicas e sociais para o indivíduo, que, do mesmo modo, constitui-se em um campo de constantes mutações para estudos e reflexões. Com a realidade incômoda do aumento de suicídios entre estes jovens, pais, educadores e especialistas precisam debruçar-se para encontrar respostas que estão além das obviedades. O que não está sendo dito a quem precisa ouvir? Como diz Eliane Brum (2018), o mal-estar do nosso tempo nos afeta tanto que não estamos observando o que está bem ali, abrindo um desamparo total a uma infinidade de

jovens. De alguma forma, consciente ou inconscientemente, estamos desestruturando o nosso futuro, não por medo dele, mas por viver o presente sem considerar seus efeitos. Uma viva experiência por meio de *downloads* daquilo que parece mais atrativo, que promova afetos imediatamente prazerosos. Com a possibilidade da virtualização das relações, muitos jovens produzem suas rotas de navegação em silêncio, sem a necessidade conexões físicas, mantendo-se vivas seus *posts* em comunidades digitais, onde podem ser o aquilo que alcançarem desejar ser.

A escuta clínica pode ser uma via de expressão aos adolescentes, para o que Ana Cristina Cesar (2013, p.209) trata no poema “fisionomia” de “a dor que dói/ em mim/ é um projeto/ de passeio/ em círculo”. Ana também é pseudônimo utilizado para uma adolescente de 14 anos, com ideação suicida, em acompanhamento clínico, que é interpretada assim em uma sessão com Fátima Cesar (2019, p.21): “chega a outro momento em tamanho desalento e não quer falar o porquê. Desconfio que, quando sua rede (esburacada) de cuidados (as amigas e o *crush*) vacila, por pouco, talvez apenas um dia sem contato, a ameaça de despencar acena, ressurgindo as ideias de morte.” Em estudo realizado com adolescentes que haviam tentado suicídio por motivos amorosos, observou-se que estes utilizavam discursos baseados no ideal de amor romântico, “no qual o indivíduo espera por alguém a quem ama e que o amará com a mesma intensidade, assim como nutre expectativas de encontrar um par perfeito, alguém com quem constituir família, ter filhos, ter um lar, perpetuando, muitas vezes, a história de sua própria família.” (AZEVEDO, DUTRA, 2012,

p.28). É importante trabalhar junto aos/às adolescentes, o modo como tramam suas redes de relação ou de apoio, tendo em vista que nesse período do desenvolvimento os relacionamentos interpessoais têm importante valor na produção de sentidos para sua vida (BRAGA, DELL'AGLIO, 2013). Na fase da adolescência, os tipos de apego desenvolvidos na infância repercutem nos processos relacionais, sendo que jovens com apegos inseguros – preocupado/ansioso e evitante – podem encontrar dificuldades na criação e manutenção de laços amorosos e de amizade, o que são fatores de risco ao comportamento suicida (COUTO, TAVARES, 2016).

Em 2006, um jovem de 16 anos transmitiu a própria morte pela internet, tendo audiência em várias partes do mundo (BRUM, 2018). O conteúdo que ele ofereceu aos espectadores demonstra a dimensão deste desafio. Sua morte marcou o momento em que as pessoas perceberam que, com a internet, os jovens vivenciam possibilidades de realidades, as quais pais e professores não alcançam. Atualmente se perguntamos a pais e responsáveis onde estão nesse exato momento seus/as filhos/as, sobrinhos/as ou netos/as adolescentes, é cada vez mais difícil saberem. Pois, as próprias tecnologias virtuais que permitem toda e qualquer geolocalização de um indivíduo a partir de um dispositivo conectado a uma rede de internet, também permitem que esse indivíduo se faça presente em qualquer lugar que desejar estar. É cada vez mais difícil fazer uma distinção entre físico e virtual quando a pergunta é onde habitamos. A mesma dificuldade é possível colocar a perguntas, como: onde repousa o perigo do suicídio? Qual o campo das

expressões de sujeitos que buscam sentido às suas vidas? É preciso considerar que também temos dúvidas em relação a estas respostas.

Um sujeito pensar, em algum momento da fase de sua adolescência, em suicidar-se não significa necessariamente uma anormalidade. Porém o “adolescente ao apresentar ideação suicida, deve despertar atenção e alerta entre família e equipe de saúde.” (MAGNANI, STAUDT, 2018, p.80). É fundamental que deixemos de lado o preconceito, tabu ou as frágeis argumentações que velam falar-se sobre ideações e tentativas de suicídio com jovens e discutamos com seriedade essa realidade. No entanto, é preciso dizer que há “um tabu existente na mídia de divulgar questões relativas ao tema, pelo temor do ‘Efeito Werther’, ondas de suicídios por imitação ou indução” (WAISELFISZ, 2014, p.113, grifo do autor).

A despeito disso, o que se percebe é o início cada vez mais precoce do aparecimento de comportamentos autolesivos entre meninas adolescentes, comumente associado ao sentimento de raiva, e utilizados para “busca por alívio de sentimentos negativos e a dificuldade em regular as emoções” (RAUPP, MARIN, MOSMANN, 2018, p. 305). Estudo realizado com adolescentes de todas as faixas etárias, evidenciou que a ideação suicida é mais frequente entre os adolescentes com menos anos de vida, 14 a 16 anos (ALVES JUNIOR *et al.*, 2016). E é mais frequente a ideação e tentativa de suicídio entre meninas e adultas jovens se comparado com o sexo oposto (GONZALEZ-FUENTES, PALOS, 2013; CLAUMANN *et al.*, 2018), porém é mais consumado entre meninos (BRAGA, DELL'AGLIO, 2013; CICOGNA, HILLESHEIM, HALLAL, 2019).

Questões relacionais de gênero, que produzam em adolescentes do sexo feminino o sentimento de rejeição pessoal, por afirmar odiar sua forma de ser e desejar ser outra pessoa – como modo de adequação e ajuste as expectativas sociais – também apresentam impacto significativo na tentativa e ideação ao suicídio (GONZALEZ-FUENTES, PALOS, 2013). As diferentes formas de socialização entre os gêneros, sendo os meninos aculturados para expressão e uso de comportamentos agressivos e, as meninas, educadas para atender ideais de objetificação e controle dos impulsos, pode explicar a escolha por métodos violentos e mais letais para o suicídio pelo sexo masculino, porém sendo a ideação suicida mais prevalente entre o sexo feminino (BRAGA, DELL'AGLIO, 2013). Santos e Dinis (2018), ao discutir a construção das identidades masculinas de adolescentes, consideram que estes estão também assujeitados à produção dominante da heterossexualidade normativa e, quando sentem ter falhado com esta expectativa ou não se ajustado a ela, podem recorrer a instalação da violência, manifestada na prática de suicídio.

Afirma-se também que relações entre pais e filhos, baseados em bons níveis de exigência e responsividade, podem prevenir práticas de suicídio na adolescência, pois contribuem para o desenvolvimento de habilidades, autonomia, autoestima e independência nestes jovens (MAGNANI, STAUDT, 2018). Torna-se, portanto, imprescindível não restringir a discussão para as salas de atendimento psicológico ou psiquiátrico, abrindo espaços para discussões amplas. Com a série da Netflix, *Thirteen reasons why* (Os 13 porquês) (YORKEY, 2017), tivemos a oportunidade de nos

inquietarmos e ao mesmo tempo refletir sobre o tema. Muitos entendem que tornar pública a discussão e ampliar o acesso à reflexão poderá aumentar o número de jovens que cometem suicídio. Porém, outros especialistas acreditam que é a clareza dos debates que permite reduzir o número de suicídios entre adolescentes, porque novas respostas poderão ser dadas a velhas perguntas (LEVINZON, 2018). Apesar da série ser mais frequentemente relacionada ao tema do suicídio, é preciso considerar que seu roteiro é estruturado a partir de diversas práticas de bullying relacionadas às violências de gênero que são perpetuadas sobre a personagem principal, chamada Hannah Baker, tanto no contexto escolar, como nas redes sociais. No entanto, o desafio sempre é onde expor, como expor e para quem expor suas inquietações, muitas delas, de ordem íntima? Porém, quanto mais facilitarmos o acesso ao debate, maior a possibilidade de ajuda, como o que ocorreu com o seriado, que em alguma medida contribuiu para a discussão do sofrimento, das dores, das perdas e das violências cotidianas.

Kuczynski (2014) considera que o bullying, em especial a prática do cyberbullying, adquire crescente atenção nos estudos relacionados ao suicídio na adolescência. As manifestações de bullying comumente inferiorizam, estigmatizam e intimidam sujeitos considerados fora do convencional normal. No estudo de Alves Junior *et al.* (2016), identificou-se que adolescentes com inadequada percepção do seu peso corporal eram mais frequentemente acometidos/as por pensamentos suicidas. Claumann *et al.* (2018) chegaram a semelhante conclusão, observando que adolescentes insatisfeitos/as com seu corpo estavam mais suscetíveis ao comportamento

suicida, comparados com aqueles que declaravam estar satisfeitos. Isso pode ser justificado pelo sentido de não ajuste destes/as adolescentes com os ideais estéticos de beleza e sexualidade socializados entre os jovens, que reproduzem os padrões veiculados pela indústria da moda, mídia e personalidades destinadas a este público. A exposição frequente à violência (inclui-se o bullying), seja de ordem física, psicológica e/ou sexual, são fatores de risco para o suicídio (BRAGA, DELL'AGLIO, 2013).

Desenvolver atividades de discussão com adolescentes que permitam a eles tratar de relações interpessoais, bullying e suicídio é uma estratégia de cuidado e promoção à vida (SILVA *et al.*, 2019). Também é importante atentar para as peculiaridades da manifestação do tema para cada gênero, pois ainda que a maioria das intervenções para prevenir o comportamento suicida em adolescentes sejam eficazes em algum domínio cognitivo, tendem a apresentar níveis diferentes de resultados para os distintos gêneros (FAÇANHA *et al.*, 2010). No estudo de Teixeira-Filho e Rondini (2012) observou-se que adolescentes não heterossexuais apresentam maiores chances de pensar ou tentar suicídio, quando comparados com aqueles identificados como heterossexuais. Sugerem que sejam elaboradas abordagens específicas a estes/as adolescentes, que incluam à prevenção do suicídio o enfrentamento aos discursos discriminatórios.

Considerando que é direito e dever de todo cidadão contribuir para o bem-estar e a qualidade de vida da sociedade, é importante que as ações de prevenção e atenção ao autoextermínio de crianças e adolescentes sejam geridas de maneira

participativa, incluindo os diversos atores e estabelecendo redes corresponsabilização (ALVES, CADETE, 2015).

Considerações finais

A experiência com o texto de Eliane Brum (2018) e a discussão aqui desenvolvida, aponta que o suicídio de adolescentes é um tema relevante em ser trabalhado, sobretudo no contexto da formação em Psicologia. Para os nossos indomáveis tempos, o suicídio tem sido a resposta para a angústia e as dificuldades de alguns/as adolescentes. Nesse sentido, se faz necessário trazer o tema para a luz do dia, falar e saber como falar sobre suicídio. O cuidado a isto, exige que não se coloque sobre o indivíduo a causa e a resolução de tal problema, pois tal direcionamento só serviria para produzir e reforçar estereótipos e isolá-lo/a ainda mais em seu sofrimento.

O desafio posto agora é construir respostas que possibilitem ao/a adolescente enfrentar seus dilemas e sofrimentos sem precisar recorrer ao suicídio como forma de solução de tais impasses. Em nossa atual quadra histórica constrói-se uma sociedade que aponta, segundo a percepção dos/as adolescentes, para um futuro despótico, trágico em seus desdobramentos e implicações, com isso gera-se um vazio existencial e afetivo que precisa ser trabalhado para que se abram perspectivas de um futuro plausível e sólido. Como diz Ana Cristina Cesar (2013, p.17), no poema “recuperação da adolescência”: “é sempre mais difícil / ancorar um navio no espaço”. Para muitos/as adolescentes, um caminho é traçar estratégias que favoreçam e possibilitem que estes possam ressignificar o presente, pois sem um mundo onde seja

possível sonho, a imaginação e o desejo, a vida não tem sentido de continuidade.

É necessário construir laços comunitários que reforcem o sentido de pertencimento e ampliem os constructos sociais do/a adolescente. As redes sociais, assim como dispositivos que nos dispõem

em diversos contextos de acesso virtual, não podem mais ser significados a partir das ideias de isolamento, solidão, desamparo e a carência afetiva, mas devem ser pensadas como campo de produção de interações.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Michelle Alexandra Gomes; CADETE, Matilde Meire Miranda. Tentativa de suicídio infanto-juvenil: lesão da parte ou do todo?. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 75-84, 2015.
- ALVES JUNIOR, Carlos Alencar Souza *et al.* Comportamentos suicidas em adolescentes do sul do Brasil: Prevalência e características correlatas. **J. Hum. Growth Dev.**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 88-94, 2016.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (ABP). Suicídio: informando para prevenir. Brasília: Conselho Federal de Medicina, 2014. Disponível em <<http://www.flip3d.com.br/web/pub/cfm/index9/?numero=14#page/1>>. acesso em 18 nov. 2019.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (ABP), CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA (CFM). Setembro Amarelo. [S. l.], 2019. Disponível em <<https://www.setembroamarelo.com/>>. acesso em 18 nov. 2019.
- AZEVEDO, Ana Karina Silva; DUTRA, Elza Maria do Socorro. Relação amorosa e tentativa de suicídio na adolescência: uma questão de (des)amor. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 20-29, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRAGA, Luiza de Lima; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 6, n. 1, p. 2-14, 2013.
- BRUM, Eliane. O suicídio dos que não viram adultos nesse mundo corroído. **El País**, São Paulo, 19 jun. 2018. Coluna opinião. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/18/opinion/1529328111_109277.html>. acesso em 18 nov. 2019.
- BRUNHARI, Marcos Vinicius; DARRIBA, Vinicius Anciães. O suicídio como questão: melancolia e passagem ao ato. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 197-213, 2014.
- CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da adolescência: normalidade e psicopatologia**. 11^a ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA (CVV). Setembro Amarelo. [S. l.], 2019. Disponível em <<https://www.setembroamarelo.org.br/>>. acesso em 18 nov. 2019.

- CESAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- CESAR, Fátima Flórido. Morte e vida na adolescência: da dor e da delícia de ser jovem. **Desidades**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 11-22, 2019.
- CICOGNA, Júlia Isabel Richter; HILLESHEIM, Danúbia; HALLAL, Ana Luiza de Lima Curi. Mortalidade por suicídio de adolescentes no Brasil: tendência temporal de crescimento entre 2000 e 2015. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 68, n. 1, p. 1-7, 2019.
- CLAUMANN, Gaia Salvador *et al.* Prevalência de pensamentos e comportamentos suicidas e associação com a insatisfação corporal em adolescentes. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 67, n. 1, p. 3-9, 2018.
- COUTO, Vilma Valéria Dias; TAVARES, Marcelo da Silva Araújo. Apego e risco de suicídio em adolescentes: estudo de revisão. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, p. 120-136, 2016.
- DURKHEIM, Émile. Aula inaugural do curso de Ciências Sociais. In.: CASTRO, Ana Maria de; DIAS, Edmundo Fernandes (Orgs). **Introdução ao pensamento sociológico**. São Paulo: Moraes, 1992.
- DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martin Fontes, 2007.
- FAÇANHA, Jorge Daniel Neto *et al.* Prevenção do suicídio em adolescentes: programa de intervenção *believe*. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 1-16, 2010.
- GARRIDO, Alicia, ÁLVARO, José Luis. **Psicologia Social**: perspectivas psicológicas e sociológicas. Porto Alegre: Amgh Editora Ltda, 2017.
- GONZALEZ-FUENTES, Marcela Beatriz; PALOS, Patricia Andrade. Auto-aceptación como factor de riesgo para el intento de Suicidio en adolescentes. **Salud & Sociedad**, Antofagasta, v. 4, n. 1, p. 26-35, 2013.
- KUCZYNSKI, Evelyn. Suicídio na infância e adolescência. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 246-252, 2014.
- LEVINZON, Gina Khafif. Thirteen reasons why: suicídio em adolescentes. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 51, n. 95, p. 297-306, 2018.
- MAGNANI, Rafaela Mazoroski; STAUDT, Ana Cristina Pontello. Estilos parentais e suicídio na adolescência: uma reflexão acerca dos fatores de proteção. **Pensando famílias**, Porto

Alegre, v. 22, n. 1, p. 75-86, 2018.

OUTEIRAL, José. **Adolescer**. 3^a ed. Rio de Janeiro: Reivinter Ltda, 2008.

RAUPP, Carolina Silva; MARIN, Angela Helena; MOSMANN, Clarisse Pereira. Comportamentos autolesivos e administração das emoções em adolescentes do sexo feminino. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 287-308, 2018.

SANTOS, Welson Barbosa; DINIS, Nilson Fernandes. Violência e risco de suicídio na construção das masculinidades adolescentes. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 52, e185218, 2018.

SILVA, Gabriel Veloso da *et al.* Promoção de saúde mental para adolescente em uma escola de ensino médio: um relato de experiência. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 11, n. 2, p. 133-148, 2019.

TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; RONDINI, Carina Alexandra. Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. **Saude soc.**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 651-667, set. 2012.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Global Health Estimates 2016**: deaths by cause, age, sex, by country and by region, 2000-2016. World Health Organization: Geneva, 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Suicide in the world**: global health estimates. World Health Organization, Geneva, 2019.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência**: os jovens do Brasil. Brasília: FLACSO, 2014. Disponível em <www.juventude.gov.br/juventudeviva>. acesso em 18 nov. 2019.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015**: adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil. Brasília: FLACSO, 2015.

YORKEY, Brian. **Thirteen reasons why** (Baseado no livro de J. Asher). Califórnia: Paramount, 2017.

Recebido em: 22.11.2019

Aprovado em: 21.05.2020